

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE SOBRE O DESCARTE E USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS

N. BATISTA NETO¹, V. M. DA SILVA², G. BONFANTI-AZZOLIN³, V. C. K. N. DEUSCHLE⁴

Universidade de Cruz Alta

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6797-0376> ⁴

vdeuschle@unicruz.edu.br⁴

Submetido 08/02/2020 - Aceito 11/06/2021

DOI: 10.15628/holos.2021.9523

RESUMO

O uso de medicamentos traz benefícios à saúde, mas o acúmulo destes em residências, devido a sobras de tratamentos ou por ter expirado o prazo de validade pode se tornar um problema, pois encoraja a automedicação e o descarte inadequado. Desta forma, o presente estudo, teve por objetivo, avaliar as práticas de uso e descarte de medicamentos entre universitários de diferentes cursos da saúde da Universidade de Cruz Alta. Tratou-se de um estudo observacional transversal, analítico e descritivo, com abordagem quantitativa, por meio de um questionário estruturado contendo perguntas abertas e fechadas, que foi aplicado à uma amostra de 66 voluntários, obtida por conveniência. Os dados

levantados demonstram que a maioria dos entrevistados apresenta medicamentos em suas residências e praticam a automedicação. Os resultados também demonstram que grande parte dos estudantes descartam os medicamentos no lixo seco doméstico. Em relação às informações sobre as formas adequadas de descarte, muitos já receberam algum tipo de informação, mas gostariam de receber mais informações sobre assunto. Portanto, observa-se que grande parte da população estudada descarta os medicamentos de forma incorreta e ainda necessita de informação quanto à forma de descarte, demonstrando uma necessidade de serviços de educação em saúde.

Palavras-Chave: Automedicação. Riscos para a saúde. Ações em saúde. Uso racional de medicamentos. Farmácia caseira.

EVALUATION OF HEALTH STUDENTS KNOWLEDGE ON THE DISPOSAL AND RATIONAL USE OF MEDICINAL PRODUCTS

ABSTRACT

O uso de medicamentos traz benefícios à saúde, mas o acúmulo desses em residências, devido a remanescentes de tratamentos ou devido ao prazo de validade, pode se tornar um problema, pois incentiva a automedicação e o descarte inadequado. Assim, o presente estudo teve como objetivo avaliar as práticas de uso e descarte de medicamentos entre universitários de diferentes cursos de saúde da Universidade de Cruz Alta. A pesquisa foi realizada mediante aplicação de questionário e a amostra foi composta por 66 voluntários. Os dados coletados mostram que a maioria dos entrevistados apresenta

medicamentos em suas casas e pratica a automedicação. Os resultados também demonstram que grande parte dos estudantes descarta os medicamentos no lixo seco doméstico. Em relação às informações sobre as formas adequadas de descarte, muitos já receberam algum tipo de informação, mas gostariam de receber mais informações sobre o assunto. Portanto, observa-se que grande parte da população estudada dispõe de medicamentos incorretamente e ainda precisa de informações sobre a forma de descarte, demonstrando a necessidade de serviços de educação em saúde.

Keywords: Self medication. Health risks. Health actions. Rational use of medicines. Homemade pharmacy.



1. INTRODUÇÃO

O avanço da ciência na área da saúde e as pesquisas de novos tratamentos trouxeram benefícios incontestáveis à população, o que também proporcionou um aumento considerável na fabricação de novas fórmulas e na quantidade de medicamentos disponíveis para comercialização e consumo. Sabe-se que medicamentos são constituídos pelos princípios ativos ou fármacos, responsáveis por exercer o efeito terapêutico e seus respectivos excipientes. É definido como qualquer substância que, ao ser introduzida no organismo humano, terá finalidade preventiva ou profilática, diagnóstica, terapêutica ou apenas paliativa (Pinto et al., 2014).

Nos países mais desenvolvidos, aspectos relacionados aos medicamentos e à atenção farmacêutica estão recebendo maior espaço, tanto na sociedade quanto nas ações governamentais. Devido à grande demanda de produção de medicamentos, há uma grande variedade disponível para a grande maioria das doenças e, com o passar dos anos, pode-se afirmar também que os mesmos encontram-se mais seguros e eficazes, o que favorece à o tratamento e a prevenção de enfermidades, uma melhor resposta a terapia e a preservação da saúde do usuário (Angonesi; Rennó, 2011).

Contudo, observa-se também uma maior facilidade na aquisição de medicamentos pela população, o que possibilita a formação de estoques caseiros nas residências e, estimula desta forma, a automedicação (Lenhardt et al., 2015). Inúmeros problemas têm sido relacionados à prática da automedicação, desde disfarçar ou impedir o diagnóstico apropriado para a doença, até acarretar interações entre os diferentes tipos de medicamentos. Esses fatos levam ao aumento do consumo e, a consequente falta de informação, incentiva o armazenamento de grande quantidades domiciliares (Miotto et al., 2015; Soterio; Santos, 2016).

Além disso, aumentam também as preocupações envolvendo as questões ambientais, uma vez que o acúmulo de resíduos têm se tornado uma enorme barreira para a sociedade. A medicamentação das práticas de saúde, o uso constante, persistente e incessante de substâncias, criou uma realidade agressiva ao ambiente, de modo que as regulamentações e normas que orientam o comércio, a prescrição e o uso não têm sido suficientes para minimizar os riscos e os prejuízos dela decorrentes (Albanaz et al., 2017).

Quanto ao descarte de medicamentos vencidos ou fora de uso, ainda não se tem uma atenção especial para esse tipo de resíduo. Entretanto, podem causar contaminação do solo e da água se dispostos em locais inadequados (Pinto; Lutosa; Fernandes, 2017). Ao serem descartados em locais inapropriados, como vasos sanitários ou pias, lixo domésticos ou lixões, os fármacos se dissolvem e podem se transformar em poluentes que atingem o solo, o lençol freático, os rios e a atmosfera, além de se tornarem riscos para a saúde, ao entrarem em contato com os seres humanos e animais (Velho et al., 2016).

Os princípios ativos de medicamentos, quando descartados inadequadamente, atingem o ambiente, principalmente pelo lançamento direto na rede de esgoto sanitário que canaliza esses resíduos direcionando-os aos corpos hídricos gerando poluição dos mesmos. Assim, os sistemas de



tratamento da água que a torna potável, não são suficientes para remover ou inativar as moléculas de fármacos que, muitas vezes apresentam estruturas químicas complexas e difíceis de degradar (Santos; Machado; Lacerda, 2015).

Os riscos do descarte incorreto de medicamentos são previstos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), uma vez que representam uma ameaça à saúde da população mais vulnerável, como crianças ou pessoas carentes que possam reutilizá-los e também pela reutilização indevida devido as sobras de medicamentos. Assim, podem ocorrer reações adversas graves ou intoxicações, podendo inclusive levar a morte dependendo da concentração ingerida (Santos et al., 2016).

Neste contexto, sabe-se que os estudantes da área da saúde, exercem um papel fundamental como multiplicadores do conhecimento e de informações, que muitas vezes se fazem presentes na academia, por meio de ações em saúde, das quais participam. Contudo, muitos acadêmicos, não participam de tais ações, o que pode gerar dúvidas e até mesmo desinformação. Com isso, é objetivo desse trabalho, avaliar a forma como os estudantes dos Cursos da Saúde da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) estão descartando seus medicamentos. A pesquisa foi realizada entre os acadêmicos que estão em final de graduação, para verificar o nível de conhecimento e informação que apresentam sobre a temática do estudo.

2. METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se como sendo observacional transversal, analítica e descritiva, com abordagem quantitativa, realizado entre os Cursos da área da Saúde, da universidade de Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul.

A instituição conta com aproximadamente 3.000 alunos e destes, 66 compuseram a amostra, que foi selecionada por conveniência. Os participantes foram convidados a responder a um questionário sobre as formas de descarte de medicamentos, contendo perguntas abertas e fechadas. O questionário consistiu das seguintes seções: caracterização socioeconômica e práticas de uso, armazenamento e descarte dos medicamentos vencidos ou fora de uso.

Participaram acadêmicos do oitavo semestre dos seguintes cursos: Farmácia, Fisioterapia, Biomedicina e Enfermagem e do sexto semestre do curso Tecnólogo em Estética e Cosmética. Os critérios de inclusão foram os seguintes: estar matriculado no período de Agosto a Setembro de 2019 no oitavo semestre de um dos cursos citados ou no sexto semestre do Curso de Tecnólogo em Estética e Cosmética (pois o curso tem apenas três anos), e estar presente na aula no dia da coleta de dados. Os estudantes que não se enquadraram nesses critérios, foram excluídos.

A participação na pesquisa teve caráter voluntário e os participantes foram informados quanto aos objetivos e procedimentos realizados durante o período de trabalho. Previamente, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com parecer consubstanciado número 3.332.328. Foram entrevistados somente os que concordaram em participar de maneira voluntária no estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os



pesquisadores assinaram o Termo de Confidencialidade, comprometendo-se com o sigilo dos dados coletados.

Os dados foram analisados e tabulados em planilha eletrônica, sendo as variáveis categóricas representadas pela frequência relativa e absoluta e as variáveis quantitativas, pela média e desvio padrão (DP).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um total de 66 estudantes dos Cursos da área da saúde, matriculados no oitavo semestre em 2019, responderam ao questionário, sendo 12 participantes do curso de Biomedicina, 7 de Enfermagem, 12 de Farmácia, 13 de Fisioterapia e 22 de Tecnólogo de Estética e Estética e Cosmética. Em relação à faixa etária, obteve-se uma média de 25 ± 21 anos de idade, entre todos os estudantes. A maioria correspondeu ao gênero feminino (96%,) e apenas 3% corresponderam ao gênero masculino. Em um estudo demonstrado por Wetterich e Melo (2007), desde 1955, era superior o número de mulheres que concluíam o ensino médio, conseqüentemente, a busca por aprofundar seus conhecimentos, em nível superior também era maior.

Em relação ao nível de escolaridade, verificou-se que 6% dos voluntários já possuem o ensino superior completo e estão cursando outra graduação e 93% ainda não completaram o ensino superior. A maioria dos entrevistados não conhecem e nem ao menos ouviram falar sobre o descarte correto dos medicamentos, e por isso, observou-se certa dificuldade de alguns entrevistados em responder ao questionário, sendo que alguns nem chegaram a participar por não conhecer o assunto. Deste modo, identifica-se a necessidade de aprofundar uma discussão sobre o assunto no meio acadêmico, enaltecendo a importância de favorecer o debate no interior da instituição.

Com base nos aspectos relacionados a presença de medicamentos nas residências dos universitários, o aspecto dos mesmos, a presença de doenças e a prática da automedicação, os dados encontram-se sumarizados no Quadro 1.

Quadro 1. Práticas de uso e descarte de medicamentos, com respostas afirmativas entre os participantes

QUESTÕES	BIOMEDICINA	ENFERMAGEM	ESTÉTICA	FARMÁCIA	FISIOTERAPIA
Possui medicamentos em casa?	91%	71%	100%	100%	100%
Os medicamentos estão ao alcance das crianças?	25%	0%	0%	25%	15%
Observa o aspecto/aparência do medicamento antes de utilizá-lo?	75%	100%	81%	100%	92%
Possui medicamentos vencidos?	8%	28%	4%	25%	23%

Já recebeu alguma informação quanto ao descarte de medicamentos?	83%	85%	54%	100%	84%
Gostaria de ter mais informações sobre a maneira correta de descartar os medicamentos?	83%	100%	100%	100%	92%
Pratica a automedicação?	91%	85%	95%	91%	76%

Ao serem questionados se há a presença de medicamentos em casa, todos os cursos, obtiveram mais de 70% de afirmação, pelo fato de serem acadêmicos de cursos da área da saúde, tendo uma maior familiaridade com os nomes dos medicamentos. De acordo com Bueno, Weber, Oliveira (2009), em sua pesquisa com 321 participantes, relataram que destes, 91,59% possuíam medicamentos em suas residências e apenas 8,41% não possuíam nenhum tipo de medicamento na “farmácia caseira”.

Em relação a prática de observar a aparência/aspecto dos medicamentos antes de utilizá-lo, a maioria dos estudantes responderam afirmativamente. Essa atitude pode ser explicada pelo fato de que durante o decorrer da graduação, existem várias disciplinas que orientam a forma correta de utilizar os medicamentos, bem como, as informações imprescindíveis a fim de se obter um tratamento final eficaz. A observação da aparência e do prazo de validade dos medicamentos antes da administração é fundamental para evitar o uso de produtos deteriorados ou contaminados (Gasparini; Gasparini; Frigieri, 2011).

Em nosso estudo, ao serem questionados sobre o acesso das crianças aos medicamentos, os estudantes dos Cursos de Enfermagem e Tecnólogo em Estética e Cosmética relataram não deixar os medicamentos ao alcance das crianças. As respostas negativas devem-se ao fato de muitos estudantes não possuírem crianças em casa. Piveta et al. (2015), realça que o armazenamento correto dos medicamentos reduz de forma significativa a ocorrência de intoxicações, uma vez que, a infância é uma fase de descobertas e curiosidade, estimulando-os a despertar o ato de mexer ou ingerir algo.

Quanto à presença de medicamentos vencidos em casa, o curso de Enfermagem obteve maior percentual, correspondendo a 28%. Por se tratar de futuros profissionais da área da saúde e a maioria dos acadêmicos no 8º estar ou já terem estagiado, tendo um contato direto com os medicamentos, traz preocupações, pois é um dos cursos que se espera uma maior conscientização.

O presente estudo constatou que a maioria dos estudantes já recebeu alguma informação quanto ao descarte correto dos medicamentos, demonstrando que mais da metade da amostra já recebeu tais informações, o que nos faz refletir, pois mesmo tendo recebido algum tipo de informação, ainda assim, grande parte dos estudantes apresentam dúvidas e desconhecimento do assunto abordado. No estudo de Silva, Abjaude e Rascado (2015), apenas 23,2% dos entrevistados, afirmaram ter recebido informações de como descartar corretamente os medicamentos,



ressaltando a necessidade de mais campanhas e atividades que engrandecem esse assunto. Para Dantas, Silva e Fonseca (2018) existe um decréscimo por parte do poder público, em estimular e informar a população quanto ao destino correto e os locais adequados para descartar os medicamentos. Relatam também que ainda há uma escassez de conhecimento, destacando a importância de elaborar estratégias envolvendo gestores, trabalhadores e usuários quanto a necessidade de não apenas ter conhecimento sobre o descarte correto, mas sim compreender sobre o tratamento e o uso racional de medicamentos.

Batista et al. (2019) informam em seu estudo, que a maior causa de grande parte da população descartar de forma incorreta os medicamentos vencidos ou em desuso, em lixos comuns ou redes de esgoto, é devido à ausência de informações, o que proporciona cada vez mais, um risco acentuado para a saúde pública.

Os universitários foram ainda questionados sobre a prática da automedicação. Em relação a isso, o curso com maior índice de automedicação foi o de Tecnólogo em Estética e Cosmética (95%). Esse fato pode ser explicado, pois entre os cursos que foram entrevistados, este é o curso que tem menor contato com os medicamentos. Entretanto, o índice de automedicação entre os estudantes dos demais cursos também é elevado, correspondendo a mais de 70% (Quadro 1). O Brasil é um dos maiores consumidores de medicamentos, e a automedicação contribui para o quesito “sobras de medicamentos nas residências” (Júnior et al., 2018). O resultado da automedicação pode ser explicado pelo fato de que, os medicamentos frequentemente consumidos pela população, sejam analgésicos ou anti-inflamatórios, são de baixo custo, de fácil acesso, e mais habitualmente prescritos, incluindo aqueles que são ofertados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como os beneficiados da farmácia popular (Arrais et al., 2016). A maior parte dos universitários pratica a automedicação de forma frequente e essa atitude pode ser explicada pela autoconfiança provocada pelo grande conhecimento teórico e prático durante sua formação acadêmica, principalmente entre os cursos da área da saúde. (Santos et al., 2018).

Posteriormente, os voluntários responderam para quais indicações são os medicamentos armazenados em casa (Quadro 2), levando em consideração que nesta questão, era possível assinalar mais de uma alternativa.

Quadro 2. Indicações terapêuticas de medicamentos armazenados nas residências dos entrevistados

Para quais indicações?	%				
	Biomedicina	Enfermagem	Farmácia	Fisioterapia	Tecnólogo em Estética e Cosmética
Dor	91	71	91	100	100
Febre	83	71	83	84	81

Doenças crônicas	33	57	58	38	36
Antialérgicos	66	42	58	38	72
Antibióticos	41	14	25	23	50
Anti-inflamatórios	75	42	66	61	77

Observa-se que a maioria dos universitários dos diferentes cursos da área da saúde possuem medicamentos para dor e febre, sendo que o índice chega a 100% para os cursos de Tecnólogo em Estética e Cosmética e Fisioterapia. No estudo de Oliveira, Santos e Lisboa (2019), a principal causa do uso dos medicamentos é a cefaleia (90%), sendo que os fármacos para essa condição não exigem prescrição médica. Com base neste percentual, tal fato justifica o motivo dos analgésicos serem os medicamentos mais procurados.

Em relação a presença dos demais medicamentos, verifica-se que o curso Tecnólogo em Estética e Cosmética obteve o maior percentual de estoque de anti-inflamatórios (61%), antitérmicos (84%) e antialérgicos (72%). Os estudantes de Biomedicina demonstraram ter o maior percentual de antibióticos (41,66%) e o curso de Farmácia para doenças crônicas (58,33%).

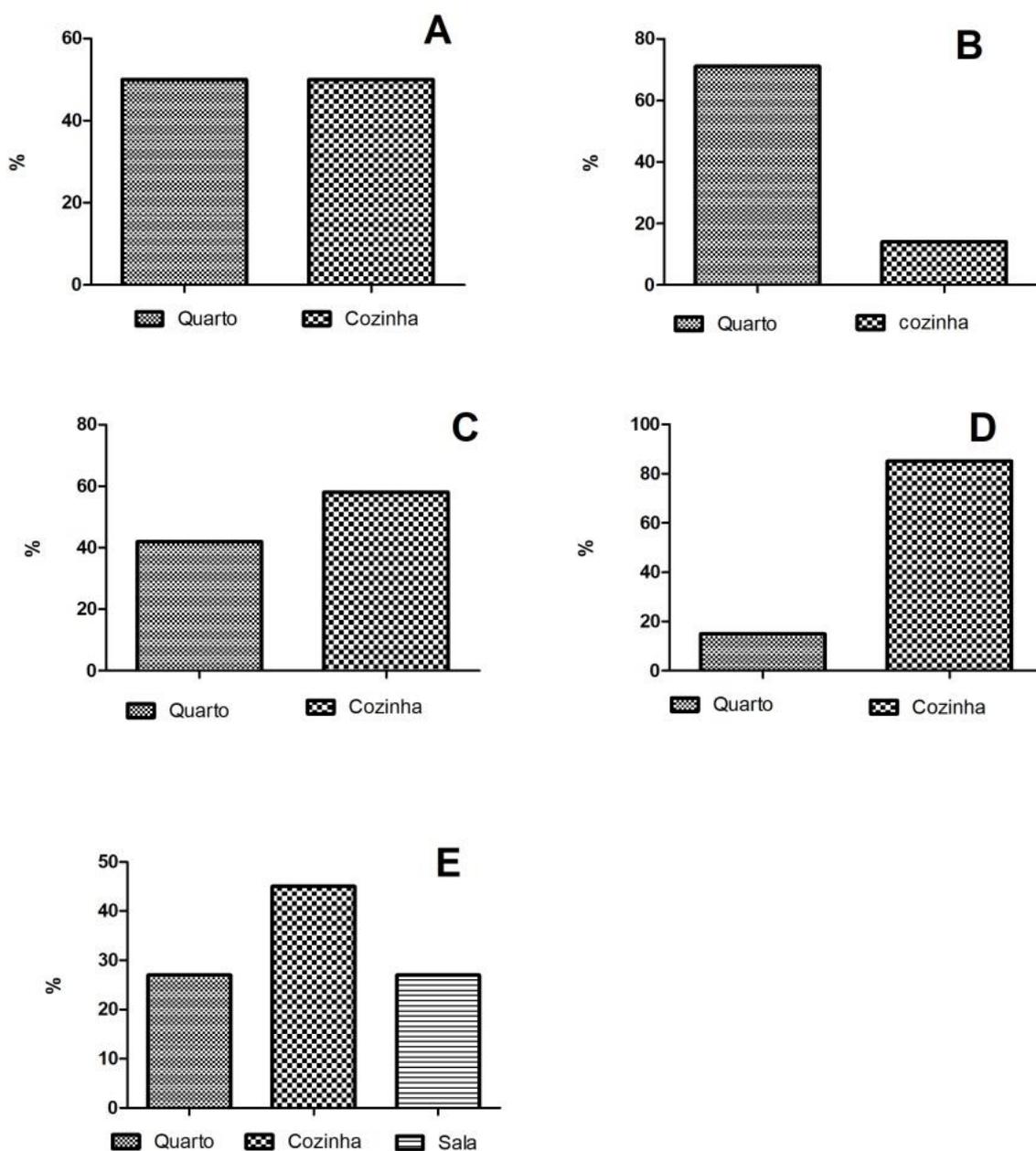
Um fato preocupante é a presença de antibióticos em casa, relatado pelos estudantes do Curso de Biomedicina. Quando presente, os antibióticos são decorrentes de sobras de tratamentos ou de tratamentos inacabados. Quando utilizados novamente de forma incorreta, ou seja, por período inferior ao tratamento recomendado, pode acarretar em resistência microbiana. A resistência aos antibióticos é um fenômeno em que o organismo deixa de ser afetado por um antimicrobiano no qual era anteriormente sensível e isso se deve principalmente a automedicação, o que reduz a eficiência desses medicamentos e a capacidade de tratamento de algumas doenças infecciosas (Loureiro et al., 2016).

O curso de Farmácia obteve o maior percentual para estoque de medicamentos para doenças crônicas, que vem crescendo cada vez mais no Brasil, como por exemplo, a hipertensão arterial (Mengue et al., 2016). Em um estudo realizado por Crepaldi et al. (2016), os pesquisadores observaram que há um predomínio de fatores de riscos associados à doenças crônicas entre universitários. O estudo demonstrou elevados percentuais de inatividade física e consumo excessivo de bebidas açucaradas e gordurosas, contribuindo para um aumento significativo no excesso de peso, principalmente nos universitários que se encontravam em estágio final da graduação.

Em relação aos questionamentos sobre o local de armazenamento dos medicamentos em casa, o que faz com as sobras e como descarta, os resultados encontram-se demonstrados nas Figuras 1, 2, 3, respectivamente.

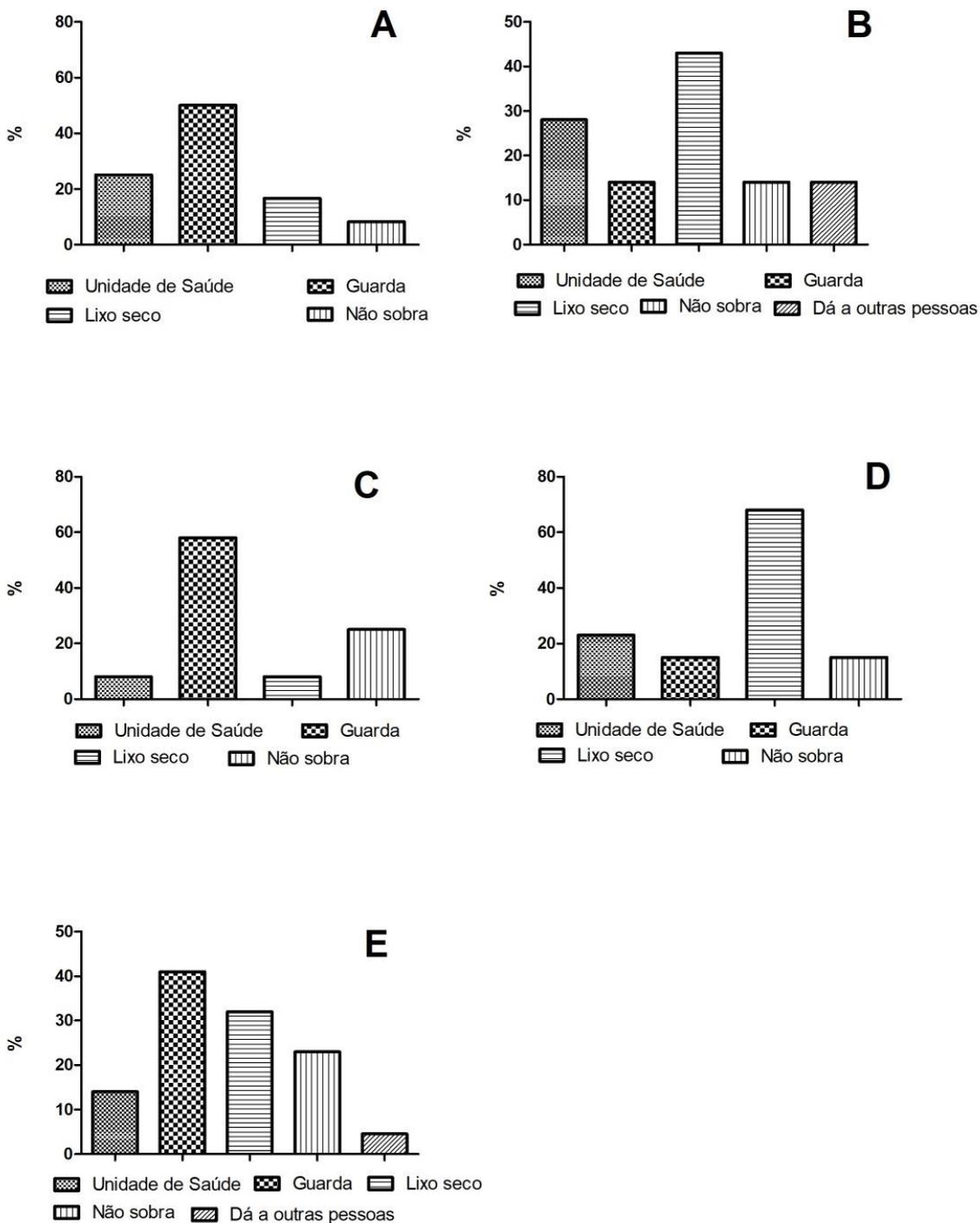


Figura 1. Local de armazenamento dos medicamentos domiciliares



A – Biomedicina; B – Enfermagem; C – Farmácia; D – Fisioterapia; E – Estética e Cosmética

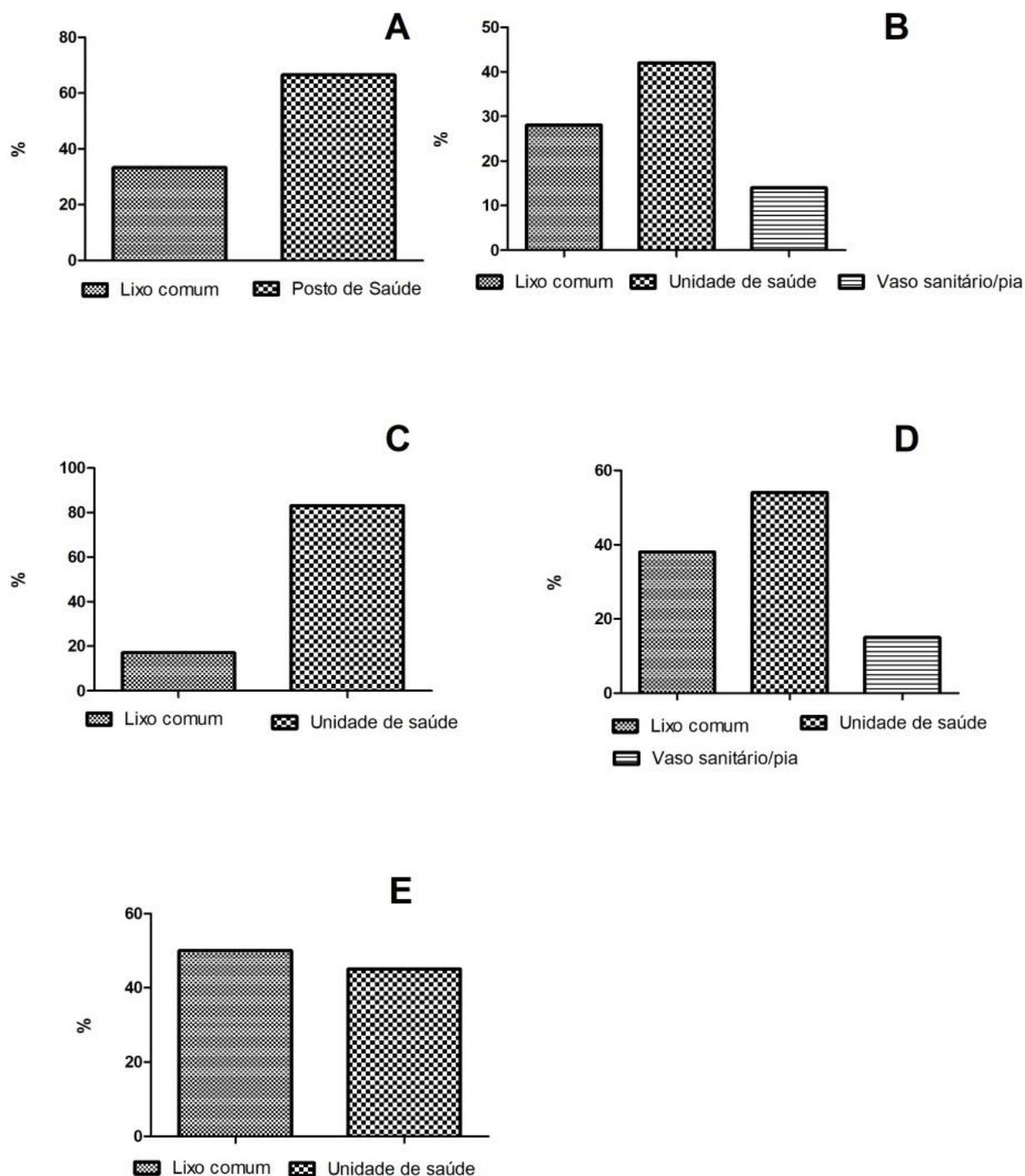
Figura 2. O que faz com as sobras de medicamentos?



A – Biomedicina; B – Enfermagem; C – Farmácia; D – Fisioterapia; E – Estética e Cosmética



Figura 3. Como descarta os medicamentos?



A – Biomedicina; B – Enfermagem; C – Farmácia; D – Fisioterapia; E – Estética e Cosmética

Em relação aos locais de armazenamento dos medicamentos em casa, a maioria dos acadêmicos afirmou guardar na cozinha, devido a maior praticidade. Entretanto, a cozinha é um cômodo da casa que oferece muita oscilação de temperatura e umidade, por se tratar de um local onde os alimentos são preparados. Santos e Lopes (2017), demonstraram em seu estudo que o cômodo que mais prevaleceu para guarda dos medicamentos foi a cozinha, por se tratar de um local com maior acessibilidade, além da presença de líquidos que podem ser ingeridos junto com o medicamentos, e a presença de utensílios, como colheres, para servir de medida aos mesmos.

Ao serem questionados sobre o destino dado às sobras dos medicamentos, a maioria afirmou guardar para usar outra vez ou desprezar em lixo comum, com exceção ao curso de Farmácia que mostrou percentuais satisfatórios de entrega em estabelecimentos de saúde. Esse fato é explicado pelo amplo conhecimento durante o período de graduação, além das oportunidades que a instituição fornece em participar de bolsas com projetos de extensão, propiciando um discernimento melhor do assunto. Contudo, esperava-se que os acadêmicos do Curso de Enfermagem, por estarem em contato direto com os pacientes e atuarem na prática da administração dos medicamentos, tivessem mais consciência em relação ao descarte correto de medicamentos.

Em relação a forma como os acadêmicos descartam os medicamentos, mais de 70% o fazem em lixo comum, o que representa um problema para saúde pública e é, de certa forma, preocupante do ponto de vista que todos são da área da saúde. Ueda et al. (2010) demonstraram, em uma pesquisa com 141 pessoas, que 88,6% descartam os resíduos medicamentosos em lixo comum, mostrando com isso que a maioria não tem conscientização do problema. Para Oliveira et al. (2018), os resultados também não foram diferentes, relatando que 86% dos acadêmicos entrevistados jogam os medicamentos em lixo comum. A inadequação no descarte de medicamentos em lixo comum compromete a saúde pública, pois existem indivíduos que sobrevivem de restos conseguidos de lixões da cidade, ficando expostos a riscos intrínsecos a esse tipo de produto químico, levando em consideração que, esses lixões são proibidos por lei, devendo então ser incinerados (Soares et al., 2015).

Iob, Camillo e Petry (2013), observaram em seu estudo que, 87% dos entrevistados acham errado a maneira de jogar esses resíduos em esgotos ou lixos comuns, 95% não acham correto estocar medicamentos vencidos e 91,2% estão de acordo que os medicamentos devam ser entregues em estabelecimentos de saúde, para um destino conveniente.

Desta forma, observa-se que, apesar de se tratar de estudantes de cursos da área da saúde em estágio avançado da graduação, em que se esperaria uma maior conscientização em relação ao descarte de medicamentos e automedicação, os mesmos apresentam dúvidas e desconhecimento dos agravos ao meio ambiente e à saúde que essas práticas podem acarretar, necessitando de maiores esclarecimentos. Além disso, a Universidade, através do Curso de Farmácia, desenvolve um projeto de extensão sobre o descarte correto de medicamentos e disponibiliza a toda a comunidade acadêmica, coletores de medicamentos vencidos ou fora de uso. Com isso, os dados obtidos nessa pesquisa servirão de suporte para o preparo de intervenções



entre os cursos de graduação da Universidade de Cruz Alta, enfatizando a forma correta dos medicamentos e os impactos para o meio ambiente e para a saúde.

Embora não tenha sido avaliada a prática de descarte entre todos os acadêmicos da instituição, caracterizando-se como uma limitação desse estudo, destaca-se a necessidade da elaboração de estratégias para a disseminação de informações entre a comunidade acadêmica, fortalecendo ainda mais a atuação do profissional farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos.

4. CONCLUSÃO

O estudo mostrou que alguns estudantes ainda não possuem conhecimento sobre os riscos do descarte incorreto, mas que possuem interesse em maiores informações. Observou-se ainda que a maioria dos universitários realizam a prática da automedicação e descartam seus medicamentos de forma inadequada. Apesar de serem discentes de cursos da saúde, desconhecem os riscos da automedicação e do descarte incorreto dos medicamentos.

5. REFERÊNCIAS

- Albanaz, H.F., Prado, R., Cruz, R.A., Barbosa, A.A., Blanco, B.A. (2017). Descarte de medicamentos: uma panorâmica da atual situação. *Revista Gestão em Foco*, 9: 276-284.
- Angonesi, D., Rennó, M.U.P. (2011) Dispensação farmacêutica: proposta de um modelo para a prática. *Cien Saúde Colet*, 16(9):3883-3891.
- Arrais, P. S. D., Fernandes, M.E., Pizzol T.D., Ramos L.R., Mengue S.S., Luiza V.L., et al. (2016). Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saúde Pública*, 50(Supl.2):1s-11s.
- Batista, N.N., Mendes, G.A., Carvalho, T.G.M.L., Negrete, B.B., Bulegon, J.S., Schäfer, M.G., et al. (2019). Descarte de medicamentos: avaliação do conhecimento dos produtores da atividade leiteira. *Saúde (Santa Maria)*, 45(2):1-10.
- Bueno, C.S., Weber, D., Oliveira, K.R. Farmácia caseira e descarte de medicamentos no bairro Luiz Fogliatto do município de Ijuí–RS. *Rev Ciênc Farm Básica Apl*, 30(2):203-210.
- Crepaldi, B.V.C., Guimarães, H.P.N., Barbosa, C.D., Molina, L.S., Nogueira, L.M.M., Soares, L.P. (2016). Elevada prevalência de fatores de risco para doenças crônicas entre universitários. *Ciência & Saúde*, 9(3):135-143.
- Dantas, M.A.S., Silva, P.L.N., Fonseca, J.R. (2018). Visão de profissionais, acadêmicos e usuários da atenção primária à saúde sobre o descarte correto de medicamentos: revisão integrativa da literatura. *J Health Biol Sci*, 6(2):197-205.



- Gasparini, J.C.; Gasparini, A.R.; Frigieri, M. C. (2011). Estudo do descarte de medicamentos e consciência ambiental no município de Catanduva-SP. *Ciência & Tecnologia: FATEC-JB*, 2(1):38-51.
- Iob, G.A., Camillo, E.G.S., Petry, R.D. (2013). Análise da forma de descarte de medicamentos por usuários de uma unidade de saúde no município de Porto Alegre. *Infarma-Ciências Farmacêuticas*, 25(3):118-125.
- Júnior, M.E.P.C., Moura, M.C.L., Araújo, V.L.L., Cavalcante, G.L., Amaral, M.P.M. (2018). As políticas de medicamentos no Brasil entre 1964 e 2006: uma revisão integrativa. *Revista Uningá*, 55(4):62-79.
- Lenhardt, E.H., Solis, L.J.B., Cintra, E.V.C.S., Botelho, E.H.L. (2015). O descarte de medicamentos no bairro Grande Terceiro, Cuiabá-MT. *J Health Biol Sci*, 16(1):5-7.
- Loureiro, R.J., Roque, F., Rodrigues, A.T., Herdeiro, M.T, Ramalheira, E. (2016). O uso de antibióticos e as resistências bacterianas: breves notas sobre a sua evolução. *Rev Port Saúde Pública*, 34(1):77-84.
- Mengue, S.S., Bertoldo, A.D., Ramos, L.R., Farias, M.R., Oliveira, M.A., Tavares, N.U.L., Arrais, P.S.D., et al. (2016). Acesso e uso de medicamentos para hipertensão arterial no Brasil. *Rev Saúde Pública*, 50(2):1s-9s.
- Miotto, P.P.S., Eskelsen, M.W., Fritzen, M., Dutra, R.L. (2015). Medicamentos vencidos descartados no meio ambiente. *Revista Eletrônica Estácio Saúde*, 4(2):41-51.
- Oliveira, A.B., Santos, J.Á., Lisboa, H.C.F. (2019). Avaliação do conhecimento e conduta dos acadêmicos da área da saúde sobre o uso de medicamentos. *Multitemas*, 24(57):25-38.
- Pinto, G.M.F., Silva, K.R., Pereira, R.F.A.B., Sampaio, S.I. (2014). Estudo do descarte residencial de medicamentos vencidos na região de Paulínia-SP. *Eng Sanit Ambient*, 19(3): 219-224.
- Pinto, N.B., Lustosa, J.P.G., Fernandes, M.C.A. (2017). O descarte incorreto de fármacos e seus impactos no meio ambiente e na saúde pública. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, 2(2):563-570.
- Piveta, L.N., Silva, L.B., Guidoni, C.M., Giroto, E. (2015). Armazenamento e descarte de medicamentos por acadêmicos da área da saúde de uma universidade pública paranaense. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, 36(1):55-66.
- Santos, D.C.B., Machado, A.M.B., Lacerda, F.V. Mapeamento do Descarte de Medicamentos em um Município do Sul de Minas Gerais. *Revista Ciências em Saúde*, 5(1):35-44.
- Santos, R.C., Lopes, M.L. (2017) A farmácia domiciliar e a utilização de medicamentos em residências da zona rural do município de Ubá (MG). *Revista Científica da Faminas*, 12(2):27-36.



- Santos, S.L.F, Barros, K.B.N.T., Prado, R.M.S., Oliveira, F.R.A.M. (2016). Aspectos toxicológicos do descarte de Medicamentos: Uma questão de educação em saúde. *Revista Revinter*, 9(3):07-20.
- Santos, T.S., Almeida, M.M., Pessoa, É.V.M., Pessoa, N.M., Siqueira, H.D.S., Silva, J.M.N., Junior, R.N.C.M., et al. (2018). Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. *Sci Plena*, 14(7):1-9.
- Silva, N.R., Abjaude, S.A.R., Rascado, R.R.I. (2015). Atitudes de usuários de medicamentos do Sistema Único de Saúde, estudantes de farmácia e farmacêuticos frente ao armazenamento e descarte de medicamentos. *Rev Ciênc Farm Básica Apl*, 35(2):319-325.
- Soares, F.G.N., Nascimento, F.G., Piedade, M.C., Vieira, A.I. (2015). Descarte de medicamentos: análise desta prática por moradores da cidade de Cruz Alta, estado do Rio Grande do Sul. *Dialogus*, 4(1):1-21.
- Soterio, K.A., Santos, M.A. (2016). A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. *Revista da Graduação*, 9(2):2-11.
- Ueda, J., Tavernaro, R., Morostega, V., Pavan, W. (2010). Impacto ambiental do descarte de fármacos e estudo da conscientização da população a respeito do problema. *Revista Ciências do Ambiente on-line*, 5(1):1-6.
- Velho, A.R.T., Maurell, J., Barwaldt, R., Rosa, V. (2016). Um estudo sobre a questão ambiental do descarte de medicamentos: utilizando a tecnologia da informação e comunicação no ambiente escolar. *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 33(3): 21-39.
- Wetterich, N.C., Melo, M.R.A.C. (2007). Perfil sociodemográfico do aluno do curso de graduação em enfermagem. *Rev Latinoam Enfermagem*, 15(3): 404-410.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Batista Neto, N., Silva, V. M. da, Bonfanti-Azzolin, G., Deuschle, V. C. K. N. (2020). Avaliação do conhecimento dos estudantes da área da saúde sobre o descarte e uso racional de medicamento. *Holos*, 37(1). 1-15.

SOBRE OS AUTORES

N. BATISTA NETO

Graduada em Farmácia pela Universidade de Cruz Alta. E-mail: nadineincra12@outlook.com
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9046-5578>

V. M. DA SILVA

Bióloga. Doutora em Zoologia. Docente da Universidade de Cruz Alta. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Atenção Integral à Saúde (GPAIS). E-mail: valsilva@unicruz.edu.br
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9046-5578>



G. BONFANTI-AZZOLIN

Farmacêutica. Doutora em Farmacologia. Docente na Universidade de Cruz Alta. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Atenção Integral à Saúde (GPAIS). Docente no Mestrado em Atenção Integral a Saúde (Unicruz/Unijuí). E-mail: gbonfanti@unicruz.edu.br
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-2602-6092>

V. C. K. N. DEUSCHLE

Farmacêutica. Doutora em Ciências Farmacêuticas. Docente na Universidade de Cruz Alta. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Atenção Integral à Saúde (GPAIS). E-mail: vdeuschle@unicruz.edu.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6797-0376>

Editor(a) Responsável: Francinaide de Lima Silva Nascimento

Pareceristas *Ad Hoc*: MATEUS ANTUNES E JORGE BONITO

